



Artigo Original

ARTETERAPIA E INCLUSÃO SOCIAL COM ADOLESCENTE EM LIBERDADE ASSISTIDA

ART THERAPY AND SOCIAL INCLUSION WITH ADOLESCENT IN ASSISTED FREEDOM PROGRAM

Sebastião Jacinto dos Santos²

Marcos Júlio Sergi³

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo investigar de que formas as diversas linguagens artísticas como: dança, pintura, argila, música, desenho e teatro, com fins terapêuticos, possibilitaram o resgate da cidadania e da inclusão social dos participantes, a partir de vivências desenvolvidas em oficinas criativas. Sob a perspectiva da pedagogia da presença integrada às questões sociais, temos como estudo de caso o atendimento de adolescentes no “Programa Liberdade Assistida”, da Pastoral do Menor nos anos de 2004 a 2010. Adolescentes oriundos de comunidades carentes da cidade de Natal, no Rio Grande do Norte. A Arteterapia mostrou-se eficiente como técnica de resgate da autoestima, tendo como consequência a plena inclusão social do público alvo aqui recortado.

Palavra Chave: Adolescente, Inclusão Social, Arteterapia, Pedagogia da Presença, Educação.

Abstract

² Professor da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo/SP, lecionando as disciplinas sociologia e filosofia, aluno do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Santo Amaro – UNISA. Licenciado em Artes Visuais pela Universidade de Santos – UNIMES. sebastiaojacinto@hotmail.com

³ Doutor em Artes, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Professor Dr. do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro – UNISA. mj.sergi@uol.com.br



This research aims to investigate in what ways the various art forms such as: dance, painting, clay, music, drawing and theater, for therapeutic purposes, they enabled the recovery of citizenship and social inclusion of participants from experiences developed in workshops creative. Started from the perspective of the pedagogy of presence in education, integrated with social issues, taking as a case study the care of adolescents in the "Probation Program" from "Pastoral do Menor" between the years of 2004 to 2010, coming from poor communities of the city of Natal (in Rio Grande do Norte). The art therapy proved effective as self-esteem rescue technique, resulting in the full social inclusion of the target audience studied here.

Keywords: Teenager, Social Inclusion, Art therapy, Pedagogy of Presence, Education.

Introdução

A Arteterapia, ferramenta educacional que tem mostrado bons resultados no processo de reeducação de jovens que cometeram infrações e delitos, proporciona uma atmosfera de bem-estar, resgata a autoestima e possibilita a inclusão social desses. A partir desta premissa e por estarmos envolvidos nesse processo pedagógico, recortamos como estudo de caso o atendimento de adolescentes na Pastoral do Menor da Arquidiocese de Natal, Rio Grande do Norte, no período de 2004 a 2010.

Esta pesquisa se norteia pela pesquisa-ação, com uma "abordagem em espiral" (BARBIER, 2002, p. 117) que envolve atividades, sempre acompanhadas de reflexões autocríticas e avaliações dos resultados. A partir de relatórios preenchidos sistematicamente pelos educadores sociais da Pastoral do Menor no período acima citado, pudemos elaborar o presente texto, tendo como procedimento metodológico a análise a partir da "escuta sensível do vivido" (BARBIER, 2002, p. 123). Considerou-se as descrições dos participantes do projeto, contando, a partir dessas experiências, sua

consequente mudança comportamental. Estas práticas possibilitaram a ampliação do leque de respostas ante às situações problema propostas, visando desenvolver as habilidades motoras e motivar o prazer do adolescente pela experimentação nesse campo de conhecimento.

Ao buscar elementos que propiciem melhor qualidade da atuação profissional do educador social, foram utilizadas práticas em Arteterapia por apresentarem a criatividade artística “como caminho que nos ajuda a transmutar as sensações e os sentimentos, que trazem consigo o prazer de se desafiar na conquista do novo” (CIORNAI, 2005, p. 134).

Essas práticas estão inseridas no âmbito da pedagogia da presença, que leva em conta a formação total do adolescente, em sua condição social, familiar, educacional, cultural, política e religiosa, em uma conciliação com as condições éticas, expressas a partir das diretivas de direitos e deveres vigentes no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

Ao propormos a aplicação dos recursos da Arteterapia como meios de resposta e instrumentos da inclusão social, notamos que se a arte tem o poder de aferir novas formas de aprimorar atitudes e sentimentos, consequentemente, o desenvolvimento de atividades artísticas pode levar estes sujeitos a uma melhor compreensão do mundo onde estão inseridos.

Neste caso, os adolescentes responderam às propostas de forma bastante elucidativa, revelando seus traços, desencontros ou desequilíbrios. Transferindo seus conflitos para personagens em jogos teatrais, a partir de seus desenhos, pinturas, letras criadas para canções improvisadas e na modelação da argila.

As atividades arteterapêuticas têm nos ajudado a perceber as frustrações e decepções que levaram os adolescentes a se envolver com a delinquência. Estas respostas demonstraram que parte dos adolescentes gosta de desenhar situações

diversas de violência, representadas pelas armas: facas, revólveres, instrumentos de tortura e muito sangue. Outros desenham cigarros, folhas de maconha, seringas ou os demais artefatos presentes no mundo das drogas. Há, também, aqueles que pintam casas bonitas ou ambientes que são apresentados nas explicações como a representação de desejos, do que eles gostariam de um dia alcançar para si e seus familiares.

A identidade desses adolescentes não foge ao encanto com aquilo que, no decorrer da história da humanidade, tem sido tão valorizado no mundo das artes: as tragédias. Embora eles vivam uma tragédia à sua maneira, “à brasileira”, não fogem do prejulgamento de que o trágico é atraente, encanta, embora faça sofrer, desorientar, desterritorializar, levando-os a transitar por mundos nunca desejados na sede de conquistar posições hierárquicas superiores.

Nesses desencontros, “o primeiro e mais decisivo passo para vencer as dificuldades pessoais é a reconciliação do jovem consigo mesmo e com os outros. Esta é uma condição necessária da mudança de sua forma de inserção na sociedade” (COSTA, 1997, p. 21).

O que esse adolescente infrator quer, na verdade, é afirmar sua identidade, embora de forma errônea, assumindo a contramão da realidade, já que foram deixados à margem de seus direitos de criança e adolescente. A negação de seus direitos como cidadãos se revela em seus atos de violência, roubos e crimes, “omissões e transgressões, que violentam a sua integridade e desviam o curso de sua evolução pessoal e social, exprimem-se nas mais diversas formas de conduta divergentes ou mesmo antagônicas à moralidade e à legalidade da sociedade que o marginalizou” (COSTA, 1997, p. 21).

Metodologia

A metodologia parte da leitura bibliográfica e da pesquisa-ação que segue: análise e leitura; comparação do texto; reflexão pessoal; criação textual dos resultados; análises da produção artística dos adolescentes; criação de paradigmas da interferência das artes na mudança comportamental dos adolescentes e considerações finais. Incluem-se aqui textos de utilização própria da Pastoral Social da Igreja Católica, da Pastoral do Menor e outros textos oficiais sobre a Arteterapia. O trabalho foi desenvolvido a partir da revisão bibliográfica, compreensão e levantamento de conteúdos teóricos em livros, sites especializados e outros documentos pré-existentes, resultando na confecção e compreensão de textos da área estudada.

A pesquisa sobre os elementos constitutivos da Arteterapia e Inclusão Social, respaldada em estudos bibliográficos e da metodologia da pesquisa-ação, acentua a importância de uma prática em busca de respostas transformadoras, unificadas e integradas às questões sociais, pois “possui caráter participativo, pelo fato de promover ampla interação entre pesquisadores e membros representativos da situação investigada” (THIOLLENT, 1997, p. 21).

A pesquisa é parte de estudo para o trabalho do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro (UNISA) com o título: “Práticas de Educação Interdisciplinar em Arteterapia e Inclusão Social com Adolescente em Liberdade Assistida”. Neste sentido, utilizamos no estudo de casos, nomes fictícios que não corresponde à identidade de nenhum adolescente apontado nos relatórios da Pastoral do Menor da Arquidiocese de Natal/RN.

Nas práticas educativas com a abordagem da Arteterapia os temas abordados pelo educador social e arteterapeuta, vão desde os ensinamentos bíblicos (amor, acolhida, respeito, união, esperança e caridade) ao pareamento com as ações colaborativas de

Organizações não Governamentais (ONGs) que atuam no terceiro setor da sociedade civil no combate à pobreza, assistência social, saúde, educação, reciclagem, desenvolvimento sustentável, entre outras com a finalidade de resgatar a cidadania.

A Pastoral do Menor promove o sentimento de humanidade no adolescente. Assume, assim, a ótica da inclusão, do comprometimento com os mais pobres e oprimidos, sempre na perspectiva da garantia dos direitos humanos, pois a “violação dos direitos é também resultado de um processo distorcido de ‘educação’ daquelas mesmas pessoas que deveriam resguardar esses direitos” (GRACIANI, 2009, p. 13). Por isso, ela promove uma inclusão a partir da leitura da realidade contextualizada, apontando para a complexidade e interdependência de suas ações.

Discussões

Tomamos como exemplo o estudo de caso de um menor, ao qual iremos nos referir como Fernon, entre mais de 60 participantes atendidos pela Pastoral do Menor de Natal. Em conversa partilhada com o grupo, o adolescente Fernon afirma que ficou viciado em cocaína e maconha. Mais tarde, conheceu e provou também o crack. Depois que veio para o Programa, ele tem encontrado no grupo um lugar de crescimento, amadurecimento, formação, realização pessoal e comunitária.



Figura 1: Desenho de adolescente – para responder como está se sentindo no momento – o adolescente narra que tinha consumido drogas antes de vir ao encontro da Pastoral. **Fonte:** Arquivo da Pastoral do Menor – Arquidiocese de Natal/RN.

O adolescente Fernon afirma que os problemas de comportamento violento e envolvimento com o mundo das drogas (Figura 1) que o levaram a se enveredar pelo mundo do crime têm uma única razão: seus pais. Esses trouxeram uma empregada doméstica e seu filho para morar e trabalhar em sua casa. O filho da empregada, viciado e traficante, acabou por envolvê-lo nesta realidade.

A partir deste relato, foi então organizada uma sequência semanal de atividades arteterapêuticas para um grupo especial, no qual Fernon começou a participar. Nas seções foram propostas atividades que culminavam sempre numa produção artística.

Ao sugerirmos a Fernon uma descrição sobre seu desenho com traços de violência e crueldade, ele afirmou que seriam as torturas que sofreu. Essas se confundem com a vontade de realizar as mesmas ações em seus pais.

Neste ponto, passamos a nos indagar em que medida a Arteterapia vem ajudando Fernon a fazer o percurso da descoberta dos efeitos de seus atos. Ele próprio nos ajuda a dar respostas ao questionamento, já que aponta como as atividades o têm ajudado a conhecer a sua história de vida, se familiarizando com a problemática pela qual está passando e aprendendo a reagir diante das crises existenciais. De acordo com o adolescente, essas crises são muitas.

Pelo exemplo de Fernon, percebemos que a Arteterapia apresenta ferramentas que auxiliam a elucidar a problemática conflitiva dos adolescentes em pauta. “A arte é, portanto, uma linguagem capaz de criar um canal de comunicação com a psique [...] é capaz de compreendê-la na sutileza dos seus nuances” (ARCURI, 2006, p. 27).

O trabalho com as modalidades expressivas (desenho, pintura e música) gera no adolescente a capacidade de organizar o processo real de sua existência, estruturando sua forma de pensamento para dar significado a sua criação expressiva. Sobre o uso do desenho na Arteterapia, Ana Cláudia Afonso Valladares aponta que:

O desenho como modalidade da Arteterapia, objetiva a forma, a precisão, o desenvolvimento da atenção, da concentração, da coordenação visomotora e espacial. Também concretiza alguns pensamentos e exercita a memória. O desenho está relacionado ao movimento e ao reconhecimento do objeto, tendo a função ordenadora (VALLADARES, 2004: p. 12).



Figura 2: trabalho coletivo realizado por adolescentes com a finalidade de responder o que eles entendem por qualidade de vida. **Fonte:** Arquivo pessoal dos autores.

Os adolescentes foram convidados a expressar seus desejos e sonhos (conforme Figura 2). Os adolescentes Rick e Poul desenharam casas e ao serem interrogados pela psicóloga e assistente social, afirmaram que sonhavam com uma moradia melhor, que

tivesse um jardim e espaço para as brincadeiras. Ambos os adolescentes moram em comunidades simples, com falta de saneamento básico e violência constante.

O adolescente Santino demonstra agressividade no relacionamento com os outros adolescentes do grupo e com os pais. Trata-se de um adolescente de 15 anos que chegou à Pastoral do Menor arredio, agressivo e sem interesse em ir à escola. O mesmo revelou as dificuldades de permanecer dentro da sala de aula, alegando que acha as aulas chatas, cansativas. Os professores se parecem com seus pais, pois reclamam o tempo todo do que ele faz. Com os trabalhos de Arteterapia ele tem percebido que desenvolveu uma maior tranquilidade, já não anda muito na sala de aula. Já consegue ficar sentado na carteira por mais tempo. A família acredita que nessa instituição seu filho tem melhorado e faz planos para o resgate das amizades perdidas em sua comunidade de origem.

Seus trabalhos com um dia ensolarado, nuvens no céu e pássaros a voar, agora apresentam seus desejos e sonhos (Figura 3) que vem sendo operado nas mudanças da vida.



Figura 3: trabalho realizado por adolescente com a finalidade de responder o que ele mais deseja para sua vida. **Fonte:** Arquivo pessoal dos autores.

Assim, esses adolescentes vão aos poucos descobrindo seu ser interior, a partir da identificação com o que produzem, demonstrando desejos e esperanças de melhorar suas ações na conquista da inserção social. Neste caso, “a Arteterapia contribui para estimular a criatividade, porque se vale, em sua aplicação e método, de variadas formas e expressão, fazendo florescer as potencialidades criativas e latentes dos indivíduos” (GOLINELLI, 2002, p. 203).

O problema detectado neste processo pedagógico aponta que, na maioria dos casos, o processo de autodescoberta e consequente intenção de mudança comportamental é lento. Não é culpa dos adolescentes, mas, talvez, da incapacidade de compreensão e percepção das propostas artísticas com a finalidade de cura.

A arteterapia com utilização da música

Nas atividades de Arteterapia com música, iniciou-se na decodificação do repertório dos adolescentes, para, a partir desse repertório significativo, ampliar seu horizonte e proceder a uma educação do ouvir. O canto em grupo mostrou-se eficiente nesse processo, uma vez que é uma atividade natural para eles, considerando-se, ainda, que muitos tocam violão.

Para estimular sua percepção foi solicitado que elencassem os sons desagradáveis do cotidiano na comunidade: latidos cachorro do vizinho; música repetitiva do carro de gás; gritos das vizinhas com os filhos; forró e funk; som alto de festas nos finais de semana; ruídos de motos; e vizinhos ouvindo ou cantando alto músicas bregas.



Figura 4: Arte coletiva, meramente ilustrativa, feita com colagem com a utilização de diferentes materiais para responder qual a importância da música na vida dos adolescentes.

Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Conseqüentemente, ao levar os adolescentes a compreender e se encaminhar para o desenvolvimento dos processos de percepção e imaginação a partir dos sons, possibilita-se a melhoria de sua expressão, de sua sensibilidade, levando-os a interferir positivamente no ambiente cultural de suas comunidades.

A prática do canto em conjunto propiciou um ambiente alegre e descontraído, e muitos narraram a participação das famílias em festas de final de semana ou encontros comunitários diversos.

Desta forma, percebeu-se que a música é um elemento poderoso na inserção social, capaz de produzir no adolescente uma percepção nova de suas condições de vida e possíveis mudanças a partir de uma melhor integração no mundo em que vive.

Resultados

O adolescente mesmo com a identidade arranhada pelo delito cometido, continua com plenas condições de cobrar seus direitos. Nesse caso, o ponto de partida deve ser sempre retomado de um conceito educativo. Deve haver a possibilidade de protagonismo e interferência das linguagens das artes visuais e artísticas, assim como o pareamento com seus pontos comuns e os demais sinais de conflito do adolescente.

Essas aproximações das artes, com as análises da Arteterapia qualificam o trabalho, ajudando o adolescente a se perceber com uma identidade social. O estabelecimento de interações interdisciplinares a partir de elementos artísticos demonstra que seu estado de sujeito identitário no mundo ultrapassa as questões do delito. Para isso, é importante que familiares, escolas, entidades sociais, Organizações Não-Governamentais, educadores e outros seguimentos da sociedade estejam envolvidos na dinamicidade e aprofundamento dessas atividades.

Um importante tema a ser trabalhado e aprofundado em seu sentido extra histórico é a família contemporânea, com suas significativas mudanças. A partir das intervenções com a Arteterapia no trabalho social, podemos nos apropriar do conceito de família para o adolescente: sua visão sistêmica e resiliência no trabalho com as famílias.

É importante também que o adolescente seja instigado à percepção do conceito de comunidade. Ao exercitar seu protagonismo comunitário, ele desenvolve um sentimento de pertencimento ao assumir lideranças dentro de sua comunidade de origem.

Os temas desenvolvidos pela Pastoral do Menor têm a finalidade de preparar o adolescente para assumir uma visão holística e sistêmica do mundo. Os temas assumem desse modo uma potencialidade multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar nas práticas integrativas do grupo.

Na prática de preparação profissional do adolescente é necessária também uma educação interdisciplinar, visando à valorização de sua formação na comunidade. É importante o aproveitamento dos talentos locais, desenvolvendo o sentimento de pertencimento por meio de redes articuladas na sociedade. Nesse contexto, devemos levar em conta a abordagem dos novos paradigmas articulados nas demandas sociais antigas e atuais.

Não devemos esquecer que para complementar a didática, a Pastoral do Menor parte da experiência prática e vivência dos profissionais e dos adolescentes, enfocando a comunidade pelo uso das políticas públicas contempladas na Constituição Federal, Estatuto da Criança e do Adolescente, Estatuto da Juventude e documentos oficiais da Igreja Católica. Destaca-se, ainda, a importância da abordagem dos profissionais: Educadores Sociais, assistentes sociais, psicólogos, arteterapeutas, lideranças comunitárias, agentes comunitários, entre outros. Profissionais do âmbito social que trabalham com estes adolescentes a partir de conceitos teóricos e práticos.

Finalidades da Arteterapia

A finalidade não é transformar esses adolescentes em artistas ou coisa semelhante, mas ajudá-los a interagir com os demais participantes, sensibilizando-se com sua capacidade interior, descobrindo seus gostos, desejos e sonhos.

Há quem diga que partilhar informações sobre desenhos ou produções artísticas não têm nada a ver com as projeções de cura do ser depressivo. Esquece-se que, para o

adolescente, conhecer a si mesmo é um aspecto fundamental para o amadurecimento de sua identidade e primeira condição para se passar ao próximo estágio que é a aceitação de si.

Pela quantidade de livros e artigos propondo a Arteterapia como processo educacional, não podemos mais ficar indiferentes à valorização deste campo como ferramenta essencial na busca pelo autoconhecimento.

A partir do interesse do nosso público pesquisado, temos chegado ao seguinte questionamento: a arte pode, com seus recursos e atividades, auxiliar os adolescentes em dívida com a sociedade a compreender melhor suas histórias de vida, suas mágoas, desafetos e retomar a vida a partir da análise do erro de percurso que foi seu ato infracional? Neste caso,

se consideramos aprendizagem como um processo em que o sujeito, na relação recíproca com o outro, gera transformações, o processo de 'ir se curando' está sempre presente, diante dos sentimentos de perda, ganho e medo decorrentes das desconstruções e construções implicadas na dinâmica da mudança (CIORNAI, 2005, p 31).

Ao pesquisar os recursos arteterapêuticos e a problemática em questão, avaliamos o emprego de atividades artísticas como um processo criativo que permite ao grupo o acesso a técnicas de relaxamento psicofísico, de abertura para o sentido da vida, do resgate da cultura local. Isso reedifica melhor seu compromisso com a sociedade, por meio de um atendimento direto que inclui a participação dos adolescentes e suas famílias.

Os resultados foram gratificantes, uma vez que se criou uma atmosfera de participação e colaboração coletiva da equipe de educadores sociais, psicólogo, assistente social, arteterapeutas e adolescentes. Juntos, puderam recompor momentos cruciais desse processo de descoberta dos medos que os levaram ao crime.

...carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes
Revista de Arteterapia da AATESP, vol. 6, n. 1, 2015. - ISSN 2178-9789

nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós, um gesto tímido, a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma frase, uma pura frase possivelmente já olvidada por quem a disse. Uma palavra por tanto tempo ensaiada e jamais dita, afogada sempre na inibição, no medo de ser recusado que, implicando a falta de confiança em nós mesmos, significa também a negação do risco. (FREIRE, 2011b, p. 45).

Como resultado das propostas de Paulo Freire acima descritas, as atividades desenvolvidas pela Pastoral do Menor da Arquidiocese de Natal, valorizaram a participação de todos, reconhecendo cada um como pessoa, valorizando-os na busca por potenciais latentes. Elas permitiram partilhar critérios, valores, visões e pontos de vista. Ajudaram o adolescente a enfrentar os desafios dessa etapa, decisiva para o amadurecimento na retomada da compreensão da vida.

Educação com adolescente em situação de risco

Quando falamos de educação do adolescente infrator temos em mente uma problemática maior: a presença dele no programa, tendo em vista que a grande maioria desses adolescentes tem dificuldades em permanecer no quadro de discentes, evadindo-se da escola por conta de uma série de problemas.

Na maioria das instituições, o processo de reeducação destes adolescentes segue por uma ótica perceptivelmente estranha à realidade dos mesmos. São buscadas formas “eficientes de domesticá-los” a partir da ótica deturpada da educação como controle social. Esquecem seus sentimentos e o aspecto de maior importância para eles: a autonomia que os torne capazes de decidir seu próprio futuro.

O educador social necessita estar preparado profissional e tecnicamente. Ter estrutura emocional para enfrentar as adversidades sociais ao interagir com o

adolescente. Por isso, Ciornai acredita que, para serem eficientes, os educadores precisam desenvolver:

a capacidade de se expressar pelas linguagens plástica, musical e corporal, empregando a dramatização, o contar histórias, o construir poesias e o preparo de materiais, explorando potencialidades pessoais propiciando o autoconhecimento e o crescimento pessoal. (CIORNAI, 2005, p. 66)

O educador social deve estar preparado para dar respostas estimuladoras e atuar com sua presença e convivência entre os adolescentes, pois “a pedagogia do educador social é, de certa forma, uma contrapedagogia que busca instaurar uma nova cultura: a cultura da solidariedade que possa neutralizar a banalização da vida à qual as elites brasileiras se acostumaram” (GRACIANI, 2009, p. 13).

É importante salientar que o próprio Estatuto da Criança e do Adolescente, no Capítulo IV (que rege sobre o “Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer”) já deixa em aberto a condição de desenvolvimento protegidos através da arte quando, no Artigo 54 V, prega que esses têm direito de “acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um” (ECA, 2012, p. 60).

Para garantir esses direitos, tanto os adolescentes como seus familiares, têm de passar por um processo de reeducação e autoconfiança, já que estão desacreditados pelo sistema. Isto gera outra problemática. Em que nível de intervenção é possível atuar junto a estas famílias?

Assim, a situação social da família é outro desafio: são pessoas que, na sua maioria, vivem em situação de extrema miséria. Pais e mães de família que não conseguem garantir o sustento básico do lar e que “sonham com trabalho”. Esse ambiente não oferece perspectivas de vida digna aos adolescentes.

Isto gera um círculo vicioso: os adolescentes viciados em drogas têm dificuldade de se livrar dessa situação e a família, por outro lado, não tem a mínima condição financeira para encaminhá-los à uma casa de acolhida e recuperação. Além disso, muitas vezes, as famílias que conseguem fazer esse tipo de encaminhamento veem seus filhos voltarem para o mesmo ambiente hostil em que se viciaram.

Este é um problema de difícil solução e que interfere negativamente na educação. Nessas condições, o educador social deve ser um facilitador, na busca de novas formas de equilíbrio entre sua ação de educar e a inserção dos adolescentes em um ambiente social mais sadio.

Os adolescentes chegam à Pastoral do Menor com a expectativa de encontrar espaço no mercado de trabalho. No entanto, sabe-se que o quadro econômico e social do país, em particular da cidade de Natal, não é favorável à geração de renda para pessoas que têm baixo nível de escolaridade. É completamente desfavorável a quem não tem escolaridade. Esta situação problemática é aumentada no público alvo aqui analisado, por conta do preconceito de serem adolescentes com problemas com a justiça.

Apesar das dificuldades acima citadas, a Pastoral do Menor de Natal, com seu trabalho, tem mostrado resultados bastante significativos. A alegria está em poder ajudar o adolescente a cumprir as metas do trabalho, reintegrando-se à sociedade e vivendo um bom desempenho escolar. Por isso, uma “ação socioeducativa deve respeitar as fases de desenvolvimento do adolescente, levando em consideração suas potencialidades, sua subjetividade, suas capacidades e limitações” (CNBB, 2010, p. 44). O intuito é não ver o adolescente como um ser impotente, com ações rígidas, pois “o mundo não é um laboratório de anatomia nem os homens são cadáveres que devam ser estudados passivamente” (FREIRE, 2013, p. 180).

Na experiência pedagógica, a partir da visão da Arteterapia, é muito importante e necessário falar no momento certo, saber escutar, ensinar a compreensão ética. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele. A busca de uma “necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética, ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas” (FREIRE, 2011a, p. 34). No dizer de Paulo Freire está a essência de todo o trabalho: o valor estético que torna os seres humanos capazes de vivenciarem o que há de mais belo; o encanto pela vida que se faz arte e memória.

Esta ação tem a peculiaridade de socializar o adolescente dentro de sua própria comunidade, valorizando e potencializando os valores humanos e sociais existentes no seu ambiente, fortalecendo-o enquanto cidadão de direito. Assim, a Pastoral do Menor de Natal se colocou como referência para a aplicação de tal medida por parte da autoridade judiciária, bem como, a manifestação de participação da sociedade na promoção da cidadania destes adolescentes.

Conclusões

Nesta pesquisa, os objetivos propostos foram satisfatoriamente alcançados tendo em vista que, ao exercitar corpo, mãos, mente e coração, os jovens passaram a desenvolver comportamentos mais integrados, menos agressivos, mais saudáveis e com hábitos cooperativos, como se depreende das análises efetuadas em seus depoimentos. Considerando-se “a importância da utilização da Arteterapia para facilitar a expressão de componentes simbólicos” (ARCURI, 2006, p. 87) em suas várias linguagens, optou-se pela ênfase na utilização dos recursos artísticos oriundos das artes visuais integrados às linguagens artísticas diversas que permitissem aos adolescentes a descoberta de suas

potencialidades criativas, através de oficinas. As técnicas artísticas visuais dialogaram com a expressão corporal, a argila e a música.

A sociedade contemporânea tem alcançado grandes avanços tecnológicos, mas não consegue diminuir os constantes conflitos de ordem social, política e cultural que afetam, sobretudo, as camadas mais carentes da população. Ao mesmo tempo em que queremos descobrir novas abordagens pedagógicas, defrontamo-nos com uma série de conflitos: os adolescentes chegam à escola com muitos problemas e dificuldades de aprendizagem. Quanto aos adolescentes infratores, a sua concentração e capacidade de assimilar informações são ainda mais reduzidas.

Como educadores sociais, temos de renovar o olhar para o processo educacional desses adolescentes, levando em conta que, na maioria das vezes, podemos não estar preparados como educadores para enfrentar algumas consequências geradas pela problemática social atual. O que fazer? Buscar o equilíbrio pessoal, pedindo ajuda aos colegas, administradores escolares, capacitando-se profissionalmente, desenvolvendo um processo de descoberta do sentido da vida. Só assim, alcançaremos os objetivos propostos nos planejamentos didáticos e poderemos criar ambientes, tanto físicos como culturais, nos quais os adolescentes poderão desenvolver as habilidades e competências de base que eles precisam no momento certo. Às vezes, isto significa adiar algumas experiências, em outros casos, significa ficar com o que já experimentamos e funcionou bem.

Destaque-se, para os objetivos deste trabalho, a ocorrência de estresse, esgotamento corpo-mente, aparecimento de doenças psicossomáticas, desequilíbrios e desajustes em nível pessoal ou familiar notadamente relacionado às configurações familiares da população estudada.



Ao reeducar-se o adolescente, por meio de recursos arteterapêuticos, demonstra-se que a Arteterapia pode muito bem constituir uma intervenção na cura das angústias, num efetivo instrumento de resposta construtiva às pressões da vida cotidiana, já que “o ato de ‘cura’ é mobilizado e ampliado por um processo de aprendizagem em que o sujeito acredita ser capaz de transformar-se, de libertar-se e de se tornar construtor dos caminhos em busca da libertação” (CIORNAI, 2005, p 31). Sob os impactos da modernidade na sociedade incapaz de incluir a todos, a Arteterapia permite diminuir tensões, resgatar a autoestima, a participação criativa, recuperar um sentido positivo de atitudes em relação à vida e uma melhor inserção no seio da comunidade.

Data de recebimento: 03 de Julho de 2015.

Data da primeira revisão: 21 de Agosto de 2015.

Data da segunda revisão: 24 de Outubro de 2015.

Data de aceite: 24 de Outubro de 2015.

Referências

ARCURI, I. G. **Arteterapia e o corpo secreto: técnicas expressivas coligadas ao trabalho corporal**. São Paulo: Vetor, 2006.

AULETE, C. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BARBIER, R. **A Pesquisa-ação**. Brasília: Plano, 2002.

CIORNAI, S. (Org.) **Percursos em Arteterapia: arteterapia e educação, arteterapia e saúde**. São Paulo: Summus, 2005.

CNBB. **Liberdade Assistida. Um projeto em construção - Sistematização da Experiência do Programa Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida executado pela Pastoral do Menor - 2002 a 2007**. Belo Horizonte/MG, 2010.

COSTA, A. C. G. **Pedagogia da Presença: da Solidão ao Encontro**. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 1997.

ECA (**Estatuto da Criança e do Adolescente**). Lei Federal Nº 8.069/1990. São Paulo: Paulus, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.



FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 17. ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 54. ed. rev. e atual – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GOLINELLI, R. Arte Terapia: um caminho para a expressão dos sentimentos. **Arte Terapia: Revista Imagens da transformação**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 9, p. 199-204, 2002.

GRACIANI, M. S. S. **Pedagogia Social de Rua: análise e sistematização de uma Experiência vivida**. 6. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2009.

THIOLLENT, M. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.

VALLADARES, A. C. A. A arteterapia e a reabilitação psicossocial das pessoas em sofrimento psíquico. In: VALLADARES, A. C. A. (Org.) **Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental**. São Paulo: Vetor, 2004. p.11-13.